

LITERATURA INFANTOJUVENIL - UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA, DE ZIRALDO, NO VIÉS DE UM ENSINO INOVADORElizete Dall' Comune Hunhoff¹
Daniele Francisco da Silva²

RESUMO: Neste estudo, propôs-se uma reflexão sobre a Literatura Infantojuvenil e sua contribuição na formação do senso estético e intelectual do leitor em formação, tendo como *corpus* a obra “Uma professora muito maluquinha”, de Ziraldo Alves Pinto³ (1995). Reflete-se sobre as estratégias usadas pela personagem protagonista na arte de ensinar, a qual traz uma proposta inovadora de ensino para a época. Na obra, os métodos da professora são confrontados pelos seus pares (Séc. XX) que os consideravam muito avançados e, paradoxalmente, na contemporaneidade são os almejados, pois são inovadores e vão ao encontro do aluno ativo das gerações tecnológicas Z a alfa. Também, mostram-se os vieses da leitura que podem atuar como elementos construtivos para a formação do leitor, como formadores de opinião, além de apresentar a importância e a contribuição da Literatura Infantojuvenil nesse aspecto. Sentimos e entendemos o quanto cabe ao professor incentivar e motivar a formação leitora do aluno, pois, o seu papel é importante em toda etapa de desenvolvimento intelectual discente, no espaço escolar. Baseamo-nos em obras de diversos críticos, cujas ideais contribuíram para o desenvolvimento da compreensão sobre as relações entre leitura e literatura. Espera-se proporcionar, ao leitor deste trabalho, possibilidades de vislumbrar ações relativas ao incentivo da formação leitora e, conseqüentemente, à formação cidadã.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Leitura. Ensino.

CHILDREN'S LITERATURE - A VERY CRAZY TEACHER, BY ZIRALDO, IN THE BIAS OF AN INNOVATIVE TEACHING

ABSTRACT: In this study, we proposed a reflection on children's literature and its contribution in the formation of the aesthetic and intellectual sense of the reader in formation, having as corpus the work "A very crazy teacher" by Ziraldo Alves Pinto (1995). It reflects on the strategies used by the protagonist character in the art of teaching, which brings an innovative teaching proposal to his time. In the work, the teacher's methods are confronted by her peers (18th century. XX) who considered them very advanced and, paradoxically, in contemporaneity are the desired ones, because they are innovative and meet the active student of the technological generations z, y or alpha. It also shows the reading evises that can act as constructive elements for the formation of the reader, as opinion makers, besides presenting the importance and contribution of the Children's Literature in this aspect. We feel and understand how much it is up to the teacher to encourage and motivate the student's reading training, because their role is important in every stage of student intellectual development, in the school space. We rely on works by several critics, whose ideals contributed to the development of understanding about the relations between reading and literature. It is expected to provide the

¹ Doutora em Letras, USP-SP. Profa. do Programa de Mestrado Profissional em Letras-UNEMAT, Cáceres, MT. E-mail: elizetedh@unemat.br. Grupo de Pesquisa: LIPP-Literatura Infantojuvenil: Poesia e Prosa

² Profa. de Línguas e Literatura. Letras - UNEMAT-Tangará da Serra, MT. E-mail: dielafsilva88@gmail.com

³ Neste trabalho usaremos o nome Ziraldo para referenciar o autor Ziraldo Alves Pinto, e não Pinto, devido o autor ser reconhecido pelo cânone como Ziraldo.

reader with this work with possibilities to envision actions related to the encouragement of reading training and, consequently, to citizen education.

Keywords: Children's literature. Reading. Teaching.

Introdução

O foco em estudos sobre a Literatura Infantojuvenil e sua contribuição na formação intelectual do leitor como objeto estético, lúdico e também (in)formativo, tem se destacado no cânone literário como importante componente para o incentivo ao ensino das diferentes linguagens humanas, em sala de aula. Essa literatura não era assim valorizada até há pouco tempo, quando as crianças e os jovens leitores não tinham uma escrita literária voltada às suas especificidades intelectuais. E, por se tratar de crianças, as matérias deveriam ser adaptadas a questões lúdicas ou ao aprendizado desse público, pois, crianças e adolescentes eram “considerados miniatura dos adultos”; não havia um espaço reservado à infância e à adolescência, e em vista disso, os primeiros textos destinados a eles foram ajustes de livros escritos para adultos que, inseridos nas produções infantis e juvenis não atraíam, não fascinavam e nem despertavam o gosto pela leitura. Isso fazia com que eles lessem as obras que eram endereçadas aos adultos.

Ao refletirmos sobre o incentivo à leitura, dentro ou fora da sala de aula, analisamos o livro “Uma professora muito maluquinha”, de Ziraldo (1995), cujo narrador apresenta, em seu enredo, estratégias diferenciadas de como ensinar a ler. E, ao se refletir sobre elementos que norteiem a prática da leitura, tratamos do ensino e abordamos o ato de ler textos literários. Pois, pensar em leitura é pensar também na sua importância e no papel que ela ocupa na formação de um povo. Ler não deve ser entendido como uma obrigação, isso porque pode ser um deleite, tendo em vista que esta ação leva o leitor ao mundo da imaginação, do desenvolvimento intelectual, do crescimento e da construção do pensamento elaborado.

Vimos nos escritos de diversos críticos, conceitos que elucidam reflexões e mostram a importância de uma literatura voltada para o público jovem, e de um despertar de consciências para as questões da realidade, por meio das páginas dos livros.

Em “Uma professora muito maluquinha”, a arte de ensinar apresenta novidades que vão além de atividades de decorar e repetir. Ao compararmos a teoria e a prática da leitura literária infantil e juvenil, visando a compreender como este tipo de atividade atua sobre o leitor, observamos o quanto um livro pode proporcionar prazer, conhecimento estético e formação intelectual. A obra acima mencionada traz as intenções do narrador em mostrar o que seria uma

escola inovadora e, por consequência, vozes infantis que se mostram alegres com a metodologia aplicada pela professora, com ações que fogem da monotonia estabelecida pelo ensino tradicional. Apresenta uma personagem protagonista jovem, entusiasmada, com ideais motivadores e que traz na bagagem profissional uma maneira entusiasta de abordar o conteúdo em sala de aula, pois, trabalha com um método inovador, que tem o aluno como centro de interesse, fato que gera conflitos entre os gestores e alguns docentes que não compartilham da mesma visão de mundo. Consoante a Jaus (apud ZILBERMAN, 1989, p. 49), o qual “[...] sugere que o foco deve recair sobre o leitor ou sobre a recepção, e não sobre o autor ou a produção”, entendemos a importância do ensino em centrar seus objetivos ao interesse do aluno, nunca aos interesses do pesquisador ou do livro didático, que deve ser um meio e não um fim. Diante desta perspectiva, analisamos em primeiro momento o enredo, que “[...] essencialmente, contém uma história” (MESQUITA, 2006, p. 7), cujos fatos desenrolam-se em um contexto escolar.

Contexto narrativo

Na obra, aos poucos, o narrador vai dando pistas sobre o ambiente escolar e os costumes das principais personagens que residiam na pequena cidade. Narra-se a história da professora Catarina, muito amada por seus amigos, pelo tio (o Padre Velho) e pelos alunos. Todo enredo é contado por cinco crianças: Athos, Porthos, Aramis, Dartagnan e Ana Maria Barcellos Pereira, os cinco mosqueteiros, assim designados pelos alunos. Sob o prisma do olhar destes é que a personagem principal vai ganhando forma. A obra física, além da minuciosa descrição, também disponibiliza imagens, ampliando alguns detalhes da história.

Espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa [...] tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens. (GANCHO, 2001, p. 23).

Assim, a história da professora é apresentada em uma escola onde vão sendo descritas todas as suas ações, suas atitudes que são alvos de discussões. A obra foi publicada em 1995 e o seu enredo se passa em meados do Século XX, em uma cidade de Minas Gerais, onde manifestam-se desconfianças em relação ao que possa ser considerado moderno. É uma época em que a escola era submetida ao método tradicional, de modo que os alunos não tinham a liberdade de opinar, os professores mandavam e eles somente obedeciam. O espaço descrito traz detalhes da cidade e seus moradores:

A cidade onde a professorinha vivia era assim: Tinha a pracinha, a matriz e o cemitério no alto do morro; tinha o Padre Velho (que era tio dela) e o Padreco (que foi um menino que o Padre Velho criou); tinha as beatas e as solteironas (que davam notícias da cidade inteira). E tinha o funcionário do Banco do Brasil (que fazia verso de pé-quebrado) e o boêmio que cantava boleros (e que era muito bonito); tinha o professor de Geografia, que sabia onde estava no tempo e no espaço; tinha o cinema e o velho dono do cinema sentado na porta, lendo seu jornal; tinha o colégio das irmãs (onde ela havia estudado para professora) e o ginásio municipal; tinha a professora de piano e, sem qualquer explicação para a pobreza da cidadezinha, tinha todos os pianos do mundo nas casas das moças prendadas, onde, todas as manhãs, elas tocavam o *Pour Elise*. (ZIRALDO, 1995, p. 14).

Por ser uma cidade pequena, todos os munícipes se conhecem e, como de praxe, algumas pessoas, sobretudo as beatas, teciam comentários sobre a vida alheia. Consoante ao que dizem muitos observadores, (GANCHO, 2001, p. 23), o ambiente é um espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem as personagens. Esse espaço acaba por destacar as ações da professora, ora de forma positiva e ora bem polêmica.

A narrativa não traz menção detalhada quanto ao tempo na história, o que se percebe são passagens que mostram o decorrer dos acontecimentos. “Por vezes, o narrador explicita os marcos temporais que enquadram a sua história”. (REIS; LOPES, 2000, p. 220). Geralmente o narrador delimita as datas possíveis, especificando dia, mês e ano. Mas, nesta obra não há situações cronométricas. Por outro lado, “[...] o tempo não é apresentado se não através dos acontecimentos e suas relações, salvo quando ocorrem assinalando momentos ou fases e expressões temporais (antes, mais tarde, neste momento, etc.)”. (NUNES, 2002, p. 24).

Assim, embora não sejam especificadas datas, descreve-se passagens que permitem visualizar o tempo por meio dos acontecimentos. Algumas cenas descritas contribuem para delinear que a história se passou em mais de um ano, tais como: “[...] nas aulas seguintes, [...] outras vezes, [...]. O ano, como tudo na vida, estava chegando ao seu final”. (ZIRALDO, 1995, passim).

A personagem Catarina morava com sua mãe, mas era pelo tio, o pároco da cidade, que ela tinha a maior devoção. O tio a incentivava às aventuras da vida e da profissão. Por conseguinte, com estratégias criativas e carinho, conseguiu despertar nas crianças um grande amor pelas letras e pelo mundo do conhecimento. Seus métodos interacionais cercearam-na de continuar lecionando na escola. Depois de um ano, já não fazia parte da instituição de ensino, e seus alunos sofreram por ela e com ela, dramaticamente.

A demissão de Catarina da escola levou-a a uma prática democrática que lhe permitiu socializar-se com os discentes, construtivamente, e a relação de amizade e carinho entre a

professora e os alunos continuou em aulas de contraturno que passou a ministrar no pátio de sua casa.

A instituição escolar representa um microuniverso social e que se caracteriza pela diversidade social e cultural e por isso, muitas vezes, reproduz padrões de condutas que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro na escola, refletem as práticas sociais, mais amplas [...]. (CANDAUI, 2003 *apud* ALEXANDRE, 2009, p. 42).

As ações de Catarina surtiam efeitos para além da classe, permitiam-lhe uma boa convivência com outras pessoas, o que refletia uma imagem exemplar à sociedade. Na qualidade de educadora, conseguia transmitir a seus alunos valores de conduta, ao passo que desenvolvia suas ações disciplinares no cotidiano. Na sala de aula ou ao ar livre, embaixo de um abacateiro, tudo era possível à aprendizagem. Providenciou trinta banquinhos de palha e um quadro negro, assim continuou seu trabalho apaixonante de educar e ensinar. Doze crianças conseguiram convencer seus pais a pagarem pelo curso de reforço, os outros vinte e um, que não tinham condições financeiras, foram atendidos gratuitamente. Ao se refletir sobre os gestos de Catarina, sentimos o quanto que um docente pode mudar uma sociedade, ou pelo menos contribuir na produção de conhecimentos e resultados. O narrador comenta também sobre as atitudes pueris da professora que, mesmo durante as aulas, subia no muro para conversar com quem a chamasse. “Realmente, muito maluquinha! Um dia ela fugiu com o namorado e nunca mais puderam vê-la, a não ser, pela imagem que cada um tinha guardado na memória, que eles fizeram questão de carregar durante a vida”. (ZIRALDO, 1995, p. 95).

A narrativa proporciona ao leitor uma emoção recheada de temas essencialmente humanos, uma mistura de seres que levam à construção de interesses pelo saber e pela História, surpreendente. Ao iniciar com o “Era uma vez”, o narrador relaciona a trama a um tempo distante, marcado pela memória afetiva, cujo final pode ser a felicidade, pela condução dos fatos em uma história com um começo atrativo. Por conseguinte, deparamo-nos com o relato do narrador sobre a professora que, com imaginação, constrói um herói: a educadora.

A descrição da professora é de um ser místico, com poderes e encantamentos. O narrador usa metáforas para reafirmar qualidades que a engrandecem, diante dos fatos, visto que se transfere para ela palavras com sentido simbólico, para designá-la, compará-la, agregando-lhe valores. Mas, para um leitor experiente, fica claro que o relato não passa da imaginação das crianças. No entanto, é exatamente assim que eles a veem: “Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala (como um anjo)”. (ZIRALDO, 1995, p. 06). Isso permite-se interpretar que Catarina possuía características típicas de um ser celestial. “[...] e tinha estrelas no lugar do

olhar”. (ZIRALDO, 1995, p. 07). As metáforas trazem os sentidos para além do denotativo. Se estrela “[...] é um corpo celeste, que brilha, se destaca dos demais astros à noite, está acima, no alto” (MAZZOROTTO, 2003, p. 120), então, ao fazer menção à estrela, o narrador mostra que os olhos da personagem eram encantadores, brilhavam e se destacavam mais que outros olhos. “Tinha voz e jeito de sereia [...]” (ZIRALDO, 1995, p. 08). Aqui, ao compará-la a uma sereia, tem-se a noção do poder que a professora exercia sobre os alunos. A relação feita entre as duas metáforas, leva a pensar que Catarina era amada. “[...] e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação)”, (Ib. 09). “Seu riso era solto como um passarinho” (Ib. p. 10). “Para os meninos ela era uma artista de cinema” (Ib. p. 12). “Para as meninas, a Fada Madrinha” (Ib. p. 13). Como nos contos de fadas, a professora exercia poderes mágicos, um ser que transfigurava como o vento, como um pássaro e como uma fada que contribuía para a realização dos desejos e interesses dos protegidos. As meninas dividiam com ela segredos e confidências, inclusive com um código linguístico, de maneira que os meninos ou qualquer outra pessoa não entendiam.

Para os alunos, a professora era a pessoa mais maravilhosa do mundo, mesmo quando chegava à sala triste e não queria falar com ninguém. Aos poucos, o leitor vai conhecendo cada personagem, e o traço característico de cada um. O padre velho, o tio que era para ela um protetor e confidente e, ao contrário dos demais “[...] tinha a maior paciência com a sua maluquinha querida”. (Ib. p. 47). Havia também o jovem padre, professor de catecismo, personagem que despertava dúvidas nas crianças, pois não entendiam o motivo dele implicar com as atitudes da professora. De acordo com o enredo:

Quando menino, era ele quem tomava conta da Professora Maluquinha menina: saía com ela pra passear pelo campo. Fazia bonecas de pano pra ela brincar, ensinou-a a assobiar e a rodar pião. Agora, depois de grande, ficava naquela enjoança. (ZIRALDO, 1995, p. 47-48).

Então, se quando era pequeno tomara conta de Catarina, por que agora, já adulto, implicava e não concordava com as suas ações? Uma personagem que desperta a atenção foi o moço do Banco do Brasil:

Ele era apaixonado pela nossa professorinha e fazia poemas de amor para ela. E éramos nós, os mosqueteiros, que levávamos as mensagens proibidas. Tratamos até de melhorar nossos hábitos de leitura só para entender os versinhos do poeta do BB. (ZIRALDO, 1995, p. 50).

Dessa personagem as crianças muito gostavam. E, para ajudá-lo a conquistar Catarina, dedicaram-se a decifrar e a melhorar as cartas enviadas por ele para a moça, cartas que eles

achavam “horrríveis”, pois, obviamente, o parecer da infância difere do ponto de vista do adulto e, ao modificá-las, alteravam-lhe a mensagem.

Ana Maria Barcellos Pereira, a personagem chefe do grupo discente, era quem tomava as iniciativas e liderava muitas ações na classe.

[...] um dia, a Ana perguntou: “Professora, onde é que a gente pode ler mais sobre isto?” (Meu Deus, como você era metida, Ana Maria!). (ZIRALDO, 1995, p.66).

E teve o dia da frase. Estava escrita no quadro-negro há vários dias e ninguém tinha percebido. Foi a Ana que deu pela coisa: levantou-se, de repente, do seu lugar, foi até a última carteira da fila do meio e, de lá, tirou uma maçã embrulhadinha no seu papel de seda azul. Foi quando a turma resolveu ler, ainda com alguma dificuldade, a frase que a Ana Maria apontava no quadro-negro. Fez-se uma festa quando todos conseguiram ler a frase, apesar de terem que aguentar as gozações da Ana Maria. (ZIRALDO, 1995, p. 34-35).

Ana Maria sempre encontrava uma maneira para ficar perto da professora e ganhar sua atenção. Nessa análise, sente-se o quanto é importante a empatia entre quem ensina e quem aprende, a relação professor-aluno se constrói no respeito e na liderança interacional, tendo-se como resultado a aprendizagem.

Sendo a cidade pequena, a notícia da ausência ou da viagem da professora foi logo percebida e comentada: A professora tinha fugido com o namorado. As beatas sussurravam. As fofoqueiras iam de porta em porta dando uma notícia que a manhã tão diferente já havia contado para todos. (ZIRALDO, 1995, p. 108). E não apenas estas personagens, como as demais mencionadas anteriormente, também ganharam forma na narração das crianças, relatando-se adjetivos pertinentes de cada uma, de modo a despertar a atenção dos leitores sobre o papel que cada membro exerce na sociedade. Naquela manhã, ao chegarem à casa da professora Catarina, e descobrirem o motivo que deixou a cidade agitada não os abalou. Ela havia deixado um bilhete em forma de código que Ana Maria anotou no caderno antes mesmo de apagar o quadro. O bilhete trazia a mensagem: “Sou muito feliz com vocês. Mas há outro tipo de felicidade que a gente tem que lutar por ela. Vocês vão entender quando crescerem”. Após terem decifrado e interpretado o bilhete, apoiaram-na. E, mesmo comentando sobre o único erro que a professorinha tinha cometido, o de afirmar que eles ainda eram crianças para entender assunto de gente grande, eles não ficaram zangados, pois, diferente do que ela escrevera, eles entendiam o seu “o passo dado”. Deduziram que ela estivesse se referindo à felicidade de buscar novos horizontes, um lugar que a aceitasse com seus ideais. Um espaço no qual as pessoas tivessem a mente aberta para o novo e fossem capazes de entendê-la.

Segundo a narração, com o passar do tempo, a turma foi se separando. Alguns porque os pais precisaram ir em busca de melhores condições de vida. Os outros, os que os pais tinham o sustento, permaneceram na cidade, entre eles, os cinco mosqueteiros, ainda amigos. Mesmo com a ausência da professora, não a esqueceram, e foi com a sua imagem na memória que seguiram a vida, com a alegria que ela ensinara.

A personagem protagonista

A protagonista, como figura feminina, ganha um papel de destaque nas páginas do livro. E, sobre isso Zilberman (2005, p. 81) comenta: “[...] pode-se até dizer que foi nos livros para crianças que moças e mulheres alcançaram proeminência, forma e popularidade”.

Historicamente, a primeira personagem feminina-protagonista a adentrar nos livros com êxito foi Chapeuzinho Vermelho, em os Contos da Mamãe Gansa, publicados em 1697, por Charles Perrault, na França. No Brasil, o protagonismo feminino apareceu com a personagem Lúcia, a menina do Narizinho Arrebitado, em 1921, publicado por Monteiro Lobato. Além de Lúcia, tem-se Emília, da saga do Sítio do Picapau Amarelo e Clara Luz que, segundo Zilberman (Ibidem), é herdeira de Emília. Sob essa ótica, as personagens Clara Luz, de Fernanda Lopes de Almeida, e Emília, de Lobato, exibem características comuns. As semelhanças entre essas duas personagens evidenciam uma certa identidade entre as ações de uma e outra, cuja similitude identifica o inconformismo que manifestam diante das incoerências existenciais.

Ao falarmos do termo personagem, logo o associamos à palavra pessoa. No entanto, ambas não têm o mesmo significado, visto que a primeira não existe fora do papel, e: “[...] o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras; as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”. (BRAIT, 2006, p. 11). Ou seja, a personagem é apenas um ser fictício, criado por um narrador, diferente do escritor, cujas ações são delimitadas no tempo e no espaço. Já a pessoa, é um ser de carne e osso, visto que a personagem é apenas de papel. A personagem é uma representação, ou seja,

A personagem é um ser fictício [...] No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação de fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (CANDIDO, 2005, p. 55).

Entre leitores iniciantes, ocorre pensarem que a personagem seja um ser vivo, posto que a relação entre este e o ser fictício faz-se tão presente que sua atuação parece real. Pois, a

personagem é quem faz a ação e, mesmo que pareça real pela verossimilhança, ela será sempre uma invenção, ainda que muitas sejam baseadas em vivências pessoais e fatos reais. Se um determinado ser é mencionado na história por outras personagens, mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere no enredo, pode-se não o considerar personagem. (GANCHO, 2001, p.14). Sendo a personagem é parte atuante de uma história, só se caracteriza como tal se agir ou falar, caso contrário, não deve ser considerada personagem. De acordo com suas ações, no enredo, é que a personagem pode ser analisada. Para tanto, verificou-se o importante papel que a “professora maluquinha” desempenhou na obra. Assim:

Quando ela entrou pela primeira vez na nossa sala e falou que ia ser nossa professora naquele ano, todas as meninas quiseram ser lindas e todos os meninos quiseram crescer na mesma hora para poder casar com ela. (ZIRALDO, 1995, p. 22).

Percebe-se que o narrador menciona o carinho que todos sentiram por Catarina. Pareceu-lhes encantadora, tanto meninos quanto meninas, ao longo da narração, queriam merecer a sua atenção. Pode-se dizer que:

[...] a personagem é uma unidade difusa de significação, construída progressivamente pela narrativa [...]. Uma personagem é pois o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela *é* e sobre o que ela *faz*” (HAMON, 1983 *apud* REIS; LOPES, 2000, p. 52).

Assim, a personagem Catarina é constituída conforme a memória e imaginação dos alunos, podendo sofrer mudanças ao passo que os acontecimentos vão surgindo. No entanto, a sua imagem não é ofuscada e, do começo ao fim da história, continua sendo a melhor professora, a que ensina e educa. O fato de que “A professora tinha fugido com o namorado [...] Para seus meninos e meninas não era importante saber com quem a professora tinha fugido”. (ZIRALDO, 1995, p. 108-109), pois, aprenderam a respeitar os direitos e as vontades do ser humano em suas diversidades.

O protagonista pode ser classificado como herói e anti-herói da trama. O herói exerce características superiores às dos demais personagens do seu grupo (GANCHO, 2001). O antagonista, por conseguinte, têm características iguais ou inferiores aos demais, porém, por alguma circunstância, está na posição de herói, só que não possui competência para tanto.

Os acontecimentos, as peripécias são a pedra de toque do herói; este é sempre dado como uma imagem concluída, e possui desde o início suas qualidades que, ao longo de todo o romance, só são verificadas e postas à prova. (BAKHTIN, 2000, p. 225).

Como protagonista, as ações vão se desenrolando em torno dela. Sendo assim, “Trata-se de considerar que a narrativa existe e desenvolve-se em função de uma figura central, protagonista qualificado que por essa condição se destaca das restantes figuras que povoam a história. (REIS; LOPES, 2000, p. 210). Assim, “a professorinha”, forma carinhosa designada pelos alunos, tem o papel central e, portanto, é a heroína da obra aos olhos das crianças.

Se a personagem, na narrativa, é aquele ser que exerce um papel, podendo ser tanto a protagonista quanto a antagonista, Catarina é protagonista, pois ganha a atenção no enredo, age como a heroína da história. Personagens antagonistas foram os professores que agiram negativamente, sem procurar entender os significativos avanços didáticos e pedagógicos que ocorriam nessa época quanto ao ensino.

Por outro lado, há as personagens secundárias, as classificadas como menos importantes, por não ganharem destaque e aparecerem muito pouco e, às vezes, aparecem em papel de ajudantes e confidentes do antagonista ou da protagonista. Sendo figurantes da história. Na obra, essa característica se dá com as professoras mais velhas, que atuavam há mais tempo na instituição. Essas, por terem uma visão tradicional do ensino, não hesitavam em confrontar as opiniões e decisões de Catarina: “As velhas professoras não entendiam nada. ‘Os alunos dela acham melhor ficar na sala de aula do que brincar no recreio’”. (ZIRALDO, 1995, p. 38). Também o namorado da professora, embora mencionado poucas vezes na narrativa, foi peça fundamental no desfecho do enredo.

Métodos de ensino da professora Catarina

Ao lermos o livro “Uma professora muito maluquinha”, deparamo-nos com uma proposta de ensino inovadora, sem limites para o aprendizado. Mas, ao refletirmos sobre isso, não se pode deixar de mencionar o ensino tradicional, presente no enredo, e ainda presente em muitas escolas, no Séc. XXI, como naquela onde a professora Catarina atuava, cuja proposta serviu para criticar e eliminar a continuação de um ensino inovador. Embora a professora tivesse uma atuação importante, demonstrada e comprovada para ensinar a leitura com um olhar criterioso sobre o processo pedagógico, isso não serviu ao sistema viciado, que valorizava a autoridade e o ensino tradicional.

O narrador descreve uma profissional (a professora Catarina) que trouxe para a escola métodos didáticos que até então eram desconhecidos aos demais colegas de ensino, naquele local, quando entrava em vigor os princípios educativos da Escola Nova, cujas teorias, embora

não citadas diretamente no desenrolar dos fatos escolares, possivelmente tenha sido objeto de estudo em sua formação acadêmica, na capital, de onde chegara para lecionar.

E é justamente com essa concepção moderna para a época em que se passam as ações, que Catarina ensinava seus pupilos, com uma metodologia que incentivava o protagonismo discente, de forma que as crianças pudessem ser transformadoras de uma sociedade por meio da abertura intelectual oferecida na diversidade de livros lidos, de atividades instigadoras e de propostas metodológicas que hoje se denominam Metodologias Ativas.

Em um ambiente como a sala de aula, o qual agrega pessoas de diferentes características individuais, gênero e idade, pressupõe-se estabelecer o equilíbrio do indivíduo em relação à alteridade, para que aprenda a lidar com o outro. Esse equilíbrio será possível se o professor utilizar o senso de alteridade, que é o caráter ou qualidade do que é o outro, “[...] A alteridade procura ressaltar a especificidade das coisas, colocando em hierarquia os dois membros da oposição, um dos quais passa a ser ‘outro’”. (BORBA 1976, p. 04). Enfim, o eu deve compreender a sua identidade e, por conseguinte, que a educação nasce, em princípio, no interior de cada um e da sociedade e, assim colocar-se no lugar do outro no intuito de conhecê-lo nas suas especificidades particulares, culturais e sociais. Nesse sentido, será possível aceitar o outro e a respeitar as suas diferenças.

Possivelmente, seguindo a conceitos análogos, Catarina, na posição de professora, instigava os alunos a buscarem mais conhecimentos, estimulando-os a pensar, a questionar, além de mostrar a relação que eles tinham com o saber, visto que a alteridade também trabalha com o reconhecimento de si, pensando na hipótese de se colocar no lugar do outro. Mediante a isso, a professora trouxe para a sala de aula diferentes estratégias para o ensino de leitura, despertando a paixão pelas letras, pelos livros, e não apenas da leitura dos livros, como também do mundo.

[...] passou a ter concurso todas as semanas. Os mais estranhos junto com os mais normais: a melhor redação, a voz mais grossa, o melhor desenhista, a melhor mão para plantar flor, o melhor cantor, o mais engraçado, o que tinha a melhor memória [...]. (ZIRALDO, 1995, p. 82).

Foi justamente com certo olhar sobre o outro, sobre a diversidade social e cultural discente, que a professora criou concursos para a classe, visando a envolver todos os alunos da classe. Assim, toda a semana inventava uma novidade. Com essa estratégia ela pôde mostrar para as crianças que todos têm qualidades. Ao final do concurso, no final do ano, todos tinham ganhado alguma medalha pelo seu desenvolvimento durante as atividades, visto que ela já sabia

quem seria o ganhador do concurso, porque tudo fora planejado. Uma vez que descobria a qualidade de um aluno, logo tratava de pensar em uma maneira de inventar outro concurso.

Ao pensarmos em lecionar, logo vem à mente, ensinar, levar informações e compartilhar conhecimentos. E para isso, faz-se necessário planejar as aulas, saber o que fazer e para que fazer, qual o objetivo a alcançar. Estar na sala de aula em posição de professor, requer habilidades e capacidade para lidar com as diversas situações e temas.

O narrador propõe que se reflita sobre a arte de ensinar. Mostra que a criatividade, trazida para a sala de aula, com as novidades da época iam além de atividades de decorar e repetir.

A primeira chamada que ela fez foi assim: mandou cada um de nós escrever o nome de um outro aluno. O nome por inteiro. ‘Grande vantagem saber escrever seu próprio nome’ – ela brincou. Depois embaralhou os nomes de todos nós e mandou que a gente arrumasse tudo direitinho na exata ordem do ABC. (ZIRALDO, 1995, p. 23. Grifo do autor).

O entusiasmo, a ironia, as ações articuladas podem fazer vencer os desafios, faz com que os alunos se sintam capazes de cumprir com o que lhes é exigido, levando-os a acreditarem neles mesmos. Para a professora, na obra, a alegria deve prevalecer no ambiente de ensino, então, fazia de cada oportunidade uma nova invenção lúdica para incentivar a leitura. Como foi o caso da máquina de ler.

[...] ela inventou a máquina de escrever. Era uma bobina de papel de embrulho da loja de um tio, onde foi, engenhosamente, adaptada uma manivela. O começo do rolo de papel deixava ver escrita, em letras grandes, um verso que nós nunca esquecemos. Então ela foi fazendo o rolo girar e a gente viu que estava vindo ali um poema escrito de baixo para cima, um verso sobre o outro. E ela foi girando, lentamente, a manivela e mandando a turma ler o poema em voz alta. (ZIRALDO, 1995, p. 54-55).

As estratégias bem planejadas motivam, como a exemplaridade dessas apresentadas pelo narrador, pois fez com que todos lessem juntos, sem se queixarem dos obstáculos que cada linha trazia, encantados e curiosos.

Não consta na obra o uso de aparelhos tecnológicos como os usados atualmente, como aparelho de *DVD*, *data show*, celular, TV, etc., obviamente havia outros recursos, pois, cada época tem suas tecnologias. Então, a professora usava do que dispunha:

[...] teve o dia do cinema. Os filmes demoravam anos pra chegar de Hollywood até a nossa cidadezinha. Eis que um dia chegou Cleópatra, a Rainha do Nilo. Com Claudett Colbert! A professora veio contar-nos, toda feliz, que o São Floriano, dono do cinema [...] havia decidido passar o filme,

de tarde, só para os alunos dela. Durante semanas a gente só falou do filme. Com um desenho e um filme, já estávamos conhecendo mais História Universal do que com todas as coisas escritas no livro adotado pela escola. E que ainda não tinha sido aberto por nós. Nem por ela. (ZIRALDO, 1995, p. 63-64).

A estratégia do uso do filme no ensino é eficaz quando conduzida, orientada pela pesquisa prévia, pois, motiva os discentes a entenderem o enredo exibido pela película. É importante orientar quanto à linguagem, à música, ao cenário, à época histórica, às vestimentas, as cores, aos símbolos, a arquitetura, etc. Assim, o narrador comenta que, apenas com um filme e um desenho, todos aprenderam muito mais do que constava nos livros adotados pela escola, isso porque pesquisaram conhecimentos sobre a História Antiga dos romanos, gregos, egípcios, hábitos, etc., tudo comparado com a atualidade, num grande despertar de curiosidade.

E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que, sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor, não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2000, p. 13).

É de suma importância haver diferentes níveis de conhecimentos interagindo interdisciplinarmente, pois, o leitor ou o espectador do filme conseguirá compreender facilmente outros assuntos relacionados ao que já sabe. Foi o que aconteceu com os alunos de Catarina que ficaram encantados com a novidade, sendo ousados a buscarem o próprio material de leitura.

O jovem padre, na posição de inspetor e professor da escola proibiu a leitura de histórias em quadrinhos, pois, para ele, ou para os métodos didáticos da época, o uso de gibis era antididático. Como os gibis foram proibidos na escola, procurou-se outra alternativa:

[...] com a proibição dos gibis, começamos a seguir uma novela muito mais emocionante do que o Direito de Nascer da noite, no rádio. A professora estava lendo para nós, cada dia, um capítulo das Desventuras de Sofia, da Condessa de Ségur, seu livro preferido da Coleção Rosa. Um dia ela decidiu que cada capítulo tinha de ser lido por um menino ou uma menina. (ZIRALDO, 1995, p. 52-53).

O método de leitura coletiva proporciona a oportunidade a todos de participarem. É importante que o professor apresente cada obra e passe a magia das páginas com a sua voz. O narrador comenta que a apresentação do livro escolhido era fascinante e, no dia seguinte, os colegas e ele já estavam ansiosos para continuarem a história.

Sempre que entravam na sala de aula, avistavam uma frase escrita no quadro negro. Esta continha uma mensagem ou alguma recomendação: “Debaixo da última carteira da fila do meio

tem uma maçã embrulhadinha. Quem ler esta frase até o fim, ganha a maçã. Pode ir lá pegar”. (ZIRALDO, 1995, p. 35). Essa e outras ações pedagógicas se repetiam.

Um dos jogos mais divertidos, porém, era o Caça-palavras: descobrir onde estava uma determinada palavra num monte de anúncios, cartazes ou capas de revistas que ela trazia de casa e pregava no quadro-negro. Onde está, aqui por exemplo, a palavra *igual*? Era uma espécie de campeonato onde, em vez de corrermos atrás da bola, nós corríamos atrás das palavras. (ZIRALDO, 1995, p. 30-31).

Ao procurar as palavras, as crianças tinham a oportunidade de ficar informadas sobre os acontecimentos do dia, além de praticar e conhecer novos termos.

Catarina foi substituída por outra profissional, “[...] de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão”. (ZIRALDO, 1995, p. 98). Logo de início, o narrador descreve a substituta como uma pessoa dura, intimidadora, características de um educador do sistema educacional tradicional.

Logo no primeiro dia de aula, a turma ficou toda de castigo. A professora havia apanhado um menino lendo um livro de histórias em plena aula e resolveu olhar embaixo da carteira de cada um. E encontrou o seguinte: um Almanaque do Globo Juvenil, o Juca e o Chico [...] Tivemos todos que ficar depois da aula e escrever cem vezes, cada um, a frase: “Prometo prestar atenção nas lições e não ficar me distraindo na hora da aula”. (ZIRALDO, 1995, p. 99-100).

Embora a professora substituta tenha aplicado um castigo por não prestarem atenção na aula, e se distraírem com livros de histórias, que não condiziam com o momento, isso não a torna má, pois ordem e disciplina são regras básicas e com bagunça e indisciplina não é possível que um professor, com uma turma de trinta e dois alunos, tenha êxito em suas aulas. Porém, quando a professora fez com que todos ficassem depois da aula para escrever cem vezes uma frase, ela se integrou ao grupo do antigo sistema de educação tradicional. Mesmo sendo ela uma educadora, não deveria reprimir os alunos, mas conquistá-los: “[...] respeito não se impõe, se conquista [...] jamais uma primeira aula pode ser recheada de ameaças e autoritarismo”. (CHALITA, 2001, p. 151, 152). Por outro lado, por incrível que pudesse parecer à professora substituta, as crianças conseguiram cumprir o castigo em menos de meia hora. Isso era marca da professora maluquinha, que conseguiu fazer com que a turma escrevesse e lesse como “gente grande”.

Além de profissional, Catarina fora amigosa, qualidade que pode ter facilitado a relação entre ambas as partes. Se o professor demonstra amizade aos alunos, é provável que ele consiga atingir os objetivos didáticos mais rapidamente. Os alunos estavam sempre atentos, não

queriam perder uma palavra, uma explicação e não era preciso chamar a atenção de nenhum deles, pois ela fez com que entendessem que a informação era preciosa, e logo todos estariam carregados de conhecimentos. Desta forma, cada semana era uma novidade, como a do Silêncio. Nessa semana todos liam uma revistinha, enquanto que a professora lia “um romance água-com-açúcar” (termo empregado pelo narrador). Não se ouvia um ruído, pois todos estavam ocupados em suas leituras. Este relato só comprova que o diálogo pode ser um bom caminho para se atingir o respeito e a confiança. Entravam na sala de aula, sentavam e, entretidos com as leituras, nenhuma bagunça ocorria. Ao final, todos já estavam aptos à prática de leitura, na qual a professora conseguiu estabelecer laços entre o ler palavras, e interpretá-las. Mostrou que é possível ensinar, educar e se divertir, sem perder o foco principal: a aprendizagem.

O desenrolar aborda a arte de ensinar, expondo a protagonista que se destacava dos demais colegas de ensino. E tendo que passar por barreiras para conseguir atingir o seu objetivo, mostrou-se forte o suficiente para não se deixar vencer por circunstâncias de intimidação. Como heroína, resgata por meio de suas práticas o despertar de um ensino libertador de opressão da escola tradicional, que visava a impor limites sem se preocupar com a liberdade de expressão dos alunos. Vejamos:

Com ela não tinha castigo. Tinha julgamento. Se um lá fizesse alguma coisa que parecesse errada, ele convocava o júri. Um aluno para a acusação, outro para a defesa. O resto da turminha era o corpo de jurados [...]. (ZIRALDO, 1995, p. 39).

Para conscientizar sobre o certo e o errado, criou-se o tribunal do júri, de forma que quando alguém fizesse algo considerado ruim, eram convocados os membros que decidiriam a sentença do acusado. Com isso, era possível ensinar o exercício da cidadania e da democracia, com a participação em grupo na tomada de decisão.

Esse exposto nos remete a refletir sobre o papel que é atribuído à escola, o qual consiste em desenvolver uma função social. A LDB, em seu Artigo Segundo (BRASIL, 1997), cita que a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Deve ter por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Foi com esse olhar social, na perspectiva cultural, de uma forma objetiva a professora demonstrava como atuar no cotidiano, com ciência da realidade circundante.

Algumas mães a procuraram para saber o porquê de não haver deveres obrigatórios para casa. Todavia, ela tinha uma explicação, “Seus filhos têm mais é que ler e escrever como o Rui

Barbosa e fazer as quatro operações como uma maquininha registradora. Depois disso, eles vão aprender tudo num átimo”. (ZIRALDO, 1995, p. 84). Mas, ao perceber que os pais estavam polemizando, criou deveres para casa, interativos, entre pais e filhos, o que os deixou perturbados:

- **Pai! Temos** que descobrir a maior palavra que o senhor conhece. - **Mãe!!!** Junta o pessoal todo aqui de casa pra ajudar! **Precisamos** achar o máximo de palavras terminadas em ar... Que não sejam verbos. - **Pessoal! Vamos ter** que descobrir no mapa-múndi onde fica um país chamado Kubakalan. (ZIRALDO, 1995, p. 87-88. Grifos do autor).

A tudo era atribuído uma nota que, segundo sua justificativa, era merecida pelo esforço de cada um. Quanto à nota zero, essa não existia. Isso era suficiente para que todos ficassem felizes.

Entendemos, que a educação da criança, conforme o artigo primeiro da LDB (BRASIL, 1996), abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, e também nas manifestações culturais. Vê-se que a maioria dos pais, por não acompanharem seus filhos na escola, acabam delegando a esta a função de ensinar e educar, e muitos até esquecem o papel que exercem como pais. Ao propor tarefas partilhadas à família, Catarina contribuiu com a relação entre pais e filhos, ajudando-os a manter uma relação de participação e incentivo, que antes, talvez, não fosse possível. Ao propor atividades diferentes e criativas, contribuía para a aprendizagem e tornava as aulas agradáveis. Segundo ela, todos eram capazes de aprender e se desenvolver, bastava querer. E foi assim que conseguiu inovar o ensino. Embora, para muitos colegas educadores tenha sido inútil, para seus alunos foi o contrário, pois puderam aprender com vontade, ler por gosto e não por obrigação.

Considerações finais

Ao refletirmos sobre o papel da literatura infantojuvenil e o quanto ela contribui para o desenvolvimento intelectual do jovem leitor, apreciamos a evolução desse estudo junto ao cânone e à sociedade, já que há tempos atrás não era possível distinguir entre livros literários destinados a adultos e para crianças. Pois, a literatura infantojuvenil teve a sua aparição há pouco tempo. A sua aceitação e surgimento se deu a partir do Iluminismo, quando as grandes fábricas eram mantidas nos centros urbanos, o que atraíam trabalhadores do campo, que buscavam melhorias de vida. Nesse espaço, progressivamente, a criança passou a ter um novo

papel na sociedade, com a concepção moderna que diferenciava as fases do que era a infância, a adolescência e o adulto. Hoje, esta literatura recebe real importância, visto que nos livros são tratados temas que ampliam “horizontes” e atuam referencialmente sobre a formação do leitor.

Na obra de Ziraldo, literariamente, o narrador conduz o leitor a questionar sobre as ações da protagonista. Esta, com estratégias inovadoras demonstra que a aprendizagem está ligada à leitura, não apenas de palavras, mas também do universo. Não se nasce sabendo ler, isso se adquire com o passar da vivência. Então, caberá à família e à escola mostrar que a leitura pode estar atrelada ao prazer e à sabedoria. Todo leitor, não só as crianças, deve entender que a *práxis* da leitura de obras literárias proporciona o protagonismo humano, pela qualidade de informações que contém.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ivone Jesus. **Interações entre alunos negros e não negros em uma escola pública**. Cultura e Identidade: Discursos II. São Paulo: Ensino Profissional, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3º ed. – São Paulo: Martins fonte, 2000.

BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno dicionário de linguística moderna**. Vol. 31. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1976.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Série Princípios. 8º Ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 5ª ed. Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 8º Ed. São Paulo: Gente, 2001.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Série Princípios. 7º Ed. São Paulo: Ática, 2001.

MAZZAROTTO, Luiz Fernando, [et al.] **Manual de redação**. São Paulo: DCL, 2003.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. Série Princípios. 4º Ed. São Paulo: Ática, 2006.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2º Ed. São Paulo: Ática, 2002

PINTO, Ziraldo Alves. **Uma professora muito maluquinha**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. 1º ed. São Paulo: Ática, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantojuvenil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.